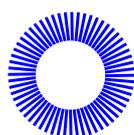


Um museu indígena como estratégia interdisciplinar de formação entre os Kanindé no Ceará¹

Suzenilson da Silva Santos
e Antônia Kanindé

Memorial Museu Indígena
Kanindé de Aratuba

Brasil



Suzenilson da Silva Santos

Olá, todos e todas e todes. Meu nome é Suzenilson, eu sou indígena Kanindé do Estado do Ceará. Atualmente sou coordenador do núcleo educativo do Museu dos Kanindé e também atuo como professor da escola indígena Manoel Francisco dos Santos. Também sou pesquisador, estudante de doutorado em história pela Universidade Estadual do Ceará. Vou mostrar um pouquinho para vocês um pouco de uma experiência que temos aqui no interior do Estado do Ceará que é o Museu dos Kanindé, que traz em sua trajetória dinâmica e histórica um pouco dessa dinamicidade da própria história do Povo.

O Povo Kanindé remonta aos séculos 16 e 17 como sendo um dos povos próximos aos Janduís. Eles tinham um rei chamado Janduís. E quando Janduís faleceu quem o sucedeu foi o rei Kanindé. Nós trazemos nessa nossa história de trajetória das nossas conquistas todo um histórico de formação e de nomadismo, e andanças por esses sertões afora, desde os sertões do Ceará até o Rio Grande do Norte, como outros historiadores podem colocar, a própria guerra dos bárbaros nesse contexto.

Mas queria contar um pouco da nossa oralidade. Dentro da nossa história, como os nossos guardiões da memória sempre contam – nossos guardiões da comunidade – que no tempo deles era muito sofrido. Não poderia também falar no nome indígena, porque diziam que o branco matava o índio naquela época. E por causa de todo esse processo nós passamos muito tempo no silenciamento. Nós fomos silenciados por muito tempo, e ao longo desses anos, da autoafirmação do povo, nós reelaboramos a nossa autoafirmação novamente, de acordo com a própria afirmação que se teve com as lideranças mais velhas na comunidade, onde podemos destacar também vários conflitos que se deram dentro desse contexto da própria história. Como na nossa aldeia, o próprio conflito pela terra, que teve em 1995, que alavancou essa estratégia também e esse posicionamento da autoafirmação do Povo quando nós tivemos um grande conflito com assentamento sem terra. E aí foi desse processo que nasceu toda a condição da nossa autoafirmação em 1995 com as lideranças que foram até uma reunião em Maracanaú uma cidade que fica no interior do Ceará e que é uma aldeia indígena também.

De todo esse processo, nasce a nossa nova história, o nosso novo contexto e a nossa nova criação dentro do processo cultural do Povo Kanindé. Dentro da própria formação do povo nasce o que as lideranças sempre falam, que é assumir a nossa 'indianidade', que é assumir o nosso indígena. Uma das primeiras propostas de criação que esteve na comunidade foi o Museu dos Kanindé, criado pelo Cacique Sotero, que hoje é mestre da cultura

¹ N. da E.: O texto a seguir é a transcrição editada de um vídeo enviado por Suzenilson da Silva Santos. Por motivos que escapam ao controle do Programa e do próprio Suzenilson, não foi possível sua participação presencial no 10.º Encontro Ibero-Americano de Museus. O vídeo foi exibido ao público durante o terceiro dia do Encontro, no contexto da troca de experiências para a qual ele foi originalmente convidado. Com este texto, registramos e agradecemos a sua participação à distância. O vídeo está disponível no canal do Ibermuseum no YouTube, que pode ser encontrado no seguinte link: <https://youtu.be/RosxEPai2ho>.



indígena no Estado do Ceará. Ele teve essa estratégia de criar o museu, dizendo ele que era para contar a história do índio na sociedade, do Povo Kanindé na sociedade.

De uma pedra que ele encontrou nasce todo esse contexto do museu dentro da nossa própria história. Que também foi, para além do espaço cultural de memória, um dos primeiros espaços a articular a própria educação indígena dentro da nossa comunidade. E depois veio a luta pela educação escolar indígena na nossa comunidade que foi a garantia pelos direitos que é a escola que conseguimos e conquistou dentro de todo esse trabalho de toda essa formação da própria história do Povo.

Entrando nesse contexto do museu queria contar um pouco – porque nós estamos dentro do espaço museal –, isso que vocês estão vendo² é um museu indígena do Povo Kanindé. Museu idealizado e construído pelo próprio indígena, com a perspectiva genuína de contar a história do nosso povo dentro de nossa realidade. Podemos ver todos esses objetos, essas peças que foram colocadas de primeira mão pelo Cacique Sotero e que depois ela vem se transformando no momento, numa realização também em conjunto com a nova geração. É um repasse de formação que temos dentro da comunidade e que são os estudos do núcleo educativo que podemos colocar depois para uma reflexão também.

Tudo começa com uma pedra preta que ele ganhou da mãe dele. Ela dizia que era a pedra dos índios de antigamente e ele a guardou na casa dele e foi construindo a partir dessa pedra todos esses objetos aqui, dado pelos primos, pelos sobrinhos, pelos agricultores da comunidade. Ele foi juntando todo esse acervo que tem aqui e foi formando o museu que hoje é o Ponto de Cultura e Memória Museu dos Kanindé, que nasce de toda uma estratégia, de toda uma força da comunidade também dentro da própria formação.

² N. da E.: A câmera sai do plano médio de Suzenilson e, com sua narração em *off*, começa a percorrer uma das salas do museu.

O museu antigamente não era nesse espaço que a gente está aqui hoje, ele ficava próximo à casa do Sotero, do Cacique, do mestre. Pela inteligência dele, de uma estratégia, nós trouxemos o museu pra cá, que é aqui que estamos vendo os objetos, mas o outro lado aqui, que está do nosso outro lado aqui, está nossa escola, a escola indígena, porque nós sentimos a necessidade de que esses processos educacionais iriam convergir diretamente com a cultura que tem aqui no espaço museal, com as memórias que têm também os processos educacionais da escola que está aqui ao nosso lado.

A partir de 2011, quando nós entramos num processo dinâmico de própria pesquisa dentro da nossa comunidade, nós começamos a desenvolver um projeto de formação das novas gerações, que é a primeira, a segunda e a terceira gerações de jovens que vem da escola indígena trabalhar com todos esses processos de acervo de memória, de ações educativas que partem de um contexto da própria história e cidade do povo, da memória e da construção social desse espaço que nós temos aqui na nossa comunidade. De 2011 para cá, muitas coisas já aconteceram de formação dos núcleos que passou pelo primeiro de 2011 a 2016. Teve uma geração, muitos desses meninos que participaram desse grupo, hoje estão nas universidades, estão em outros espaços educacionais também, em outros espaços da sociedade. A segunda turma, que começamos em 2016 e fomos até 2019, mais ou menos, e recentemente nós resolvemos criar a terceira turma.

Um Museu para os Kanindé

É um espaço de espiritualidade, é um espaço onde se encontram objetos, muitos objetos da caça, do acervo do museu dos Kanindés, que são muito da caça, como tejo, mocó, punaré e outros animais que fazem parte disso. E também é a partir dessas experiências do próprio acervo que a gente tem uma classificação própria de contar. Assim com o Cacique Sotero, ele criou a sua própria



maneira de contar esses objetos que tem aqui, que são as coisas dos índios, as coisas dos velhos, e as coisas das matas. Também tem as coisas do mar, assim como também existe as novidades dentro desse processo da própria inteligência do Cacique Sotero.

Dentro desse processo desenvolvido pelo museu ao longo dos anos, muitos dos alunos que passam por aqui, monitores, estão dentro das Universidades estudando diferentes tipos de cursos. Um dos exemplos é Antônia que está desenvolvendo seu processo de pesquisa em museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E vários outros alunos que também estão aí no movimento estudantil, como na UNILAB, como na UFC, que passaram por essa experiência e que estão lá fazendo seus trabalhos também. Eu, como pesquisador, desde 2011 venho trabalhando justamente sobre esses objetos e como que isso traz dentro das narrativas e da consciência étnica do povo para desenvolver não somente o trabalho de pesquisa, que desenvolvi no meu mestrado também, e agora que estou desenvolvendo no doutorado, dentro dessa relação que tem esses objetos com os espaços.

Para além desses objetos, em outros povos também, temos articulações de museus através de uma rede que criamos em 2014. Ela desenvolve de norte a sul do país outros programas e outros processos entre os povos indígenas que podem ser desenvolvidos e que podem trazer reflexões para além do espaço, para além da memória.

Isso era um pouco do que queria contribuir com vocês que estão aí do outro lado, desse espaço do nosso continente. E dizer que essas representações, não somente do espaço do Museu, mas das memórias de toda uma conjuntura que nós temos vivido também de apagamento dentro do nosso Estado brasileiro pelo atual governo³

³ N. da T.: Refere-se ao governo de Jair Bolsonaro, no período 2019-2022, que se caracterizou por políticas ambientais e sociais que desfavoreciam os direitos dos povos indígenas.

que tem a todo momento tentado destruir as nossas memórias, os nossos símbolos, a nossa própria vida que está em jogo, e temos sofrido muito com essa dinâmica do governo em apagar as nossas memórias indígenas, nossas memórias do nosso país. E acredito que com a força desse encontro também possamos juntar forças e fazer com que as nossas energias possam contribuir dentro dessa construção social.

Isso é um pouco da nossa experiência do Museu dos Kanindé. Como vocês podem ver [mostra diferentes objetos expostos na parede do museu] objetos da própria cultura, da própria memória que são da caça, são da natureza, as sementes que temos também dentro da nossa aldeia, do nosso território e várias outras inteligências que foram colocadas aqui dentro também e do outro espaço que certamente vocês vão ver. As relações que a gente teve no próprio movimento indígena ao longo desses anos e as notícias dos jornais que guardamos desde o começo da época da nossa autoafirmação que fomos colocando, documentos territoriais, as imagens que simbolizam esse processo de formação, as nossas próprias lideranças que fazem parte da comunidade que estão presentes no espaço museal também. Dentro de tudo, uma construção social da memória para além do espaço museal, para além da espiritualidade, para além da construção daquilo que a gente coloca dentro da nossa formação do Povo Kanindé. Então, isso é um pouco da nossa experiência que colocamos desde aqui do interior do Estado do Ceará para que possa servir de exemplo também para os demais que estão aí na Universidade, no encontro, que nós estamos presente também.

Antônia Kanindé

Olá, eu me chamo Antônia, sou indígena do Povo Kanindé. Atualmente sou graduanda em museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e sou também assistente de coordenação do museu indígena



Kanindé. O museu, como Suzenilson apresentou, é uma iniciativa que nasce em 1995 pelo Cacique Sotero, mas repercute nacional e internacionalmente a partir da sua experiência e das ações educativas e educacionais que desenvolve junto à escola indígena Manoel Francisco dos Santos, Associação Indígena Kanindé de Aratuba e as demais organizações que compõem o núcleo estruturante do Povo Kanindé. Nesse sentido, e por conta dessas ações que o museu desenvolveu, vários núcleos de estudantes foram formados dentro desse processo. Não obstante, o ingresso também de estudantes na área da museologia permitiu novas discussões dentro desse campo teórico. Pensando, sobretudo, em como organizar e reestruturar o pensamento museológico a partir da desconstrução de óticas coloniais que implicam ainda sobre esses museus, sobretudo nos campos dos museus tradicionais. Os museus indígenas têm possibilitado um repensar e ‘reolhar’ para a museologia a partir de experiências e perspectivas nativas onde as narrativas são primeiramente traçadas num lugar de primeira pessoa onde os indígenas falam sobre si, suas histórias, suas narrativas e apresentam outras formas para uma historiografia nacional do país, antes não muito contemplada as histórias indígenas, negras dentre outras populações e minorias do Estado brasileiro.

Nesse sentido, pensar na museologia e um refazer para a museologia, tem sido muito importante, pensando que esses museus são também exemplos para o surgimento e a emergência de outras ações museológicas espalhadas pelo Brasil, que tratam também da experiência e da vivência de outras comunidades que não só as populações indígenas, mas Comunidades Quilombolas, comunidades ribeirinhas, pesqueiras, comunidades tradicionais que compõem o território e as populações nacionais que foram aí então esquecidas na historiografia. Nós temos, então, digamos, uma explosão de outras iniciativas museológicas e isso tem sido muito importante para a construção de uma nova narrativa sobre as

identidades, sobre as questões nacionais e, sobretudo, possibilitando que as discussões no campo acadêmico se voltem também para um novo repensar, nessa área da museologia.

Então, acredito que é muito importante o espaço representativo que o Museu Kanindé ocupa hoje justamente para questionar e tencionar outros museus tradicionais, mas ao mesmo tempo possibilitar o reconhecimento dessa iniciativa e de outras iniciativas também que tem emergido Brasil e mundo afora num comparativo com essas outras instituições para que possamos traçar e dialogar uma discussão dentro desse campo museológico e também das questões antropológicas nas implicações de auto afirmação étnica dos povos, como no caso dos povos indígenas e também de reivindicação territorial, se ampliando também para as questões quilombolas.

Nesse sentido o Museu Kanindé é uma experiência muito interessante a se conhecer e assim entender os processos que levaram a essa organização desse espaço e sobretudo a questionar a museologia sobre suas práxis e seus modos de atuação e pesquisa na contemporaneidade.

Numa perspectiva mais particular da minha trajetória junto ao Museu Kanindé, estive atuando nessa instituição desde o ano de 2011 enquanto monitora voluntária e atuando também nos processos formativos das três gerações de monitores que passaram por esse processo. Então, algumas ações são importantes a serem destacadas como o processo de intercâmbios realizados entre os povos e comunidades indígenas aqui do Estado do Ceará de um modo que os jovens puderam ter contato também com outras iniciativas museológicas e seus núcleos educativos. Uma dessas visitas foi a do professor Hugues de Varine à instituição do Museu Indígena Jenipapo Kanindé que fica no município de Aquiraz, no Estado do Ceará. Nessa oportunidade o Museu Kanindé também



pode estar presente e levar representações tanto de professores quanto de estudantes indígenas que estavam vinculados ao núcleo educativo ali no ano de 2012. Essa experiência abriu também um novo olhar para os museus indígenas pensando a partir das perspectivas dos ecomuseus, dos museus comunitários a discussão que Hugues traz e faz sobre essa nova museologia e sobre esse reinventar.

Importante que isso seja destacado e também colocado para vocês que essa participação permitiu também aos povos indígenas traçarem conceitualmente discussões sobre essas perspectivas e essas outras tipologias de museus. Então é isso! Espero que vocês tenham gostado, acompanhem as redes sociais do Museu Indígena Kanindé tanto no *Facebook* quanto no *Instagram* para que vocês também acompanhem as nossas ações, as nossas atividades e o que a gente vem pensando e reconstruindo dentro dessa nova museologia.

